



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16964 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 09 - Trabalho e Educação

A formação dos jovens de periferia frente ao projeto do Capital para o ensino médio
 Sérgio Feldemann de Quadros - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

A FORMAÇÃO DOS JOVENS DE PERIFERIA FRENTE AO PROJETO DO CAPITAL PARA O ENSINO MÉDIO

Introdução e metodologia

Formar o trabalhador de acordo com as novas demandas do mundo do trabalho tem se revelado o fundamento das reformas educativas e não poderia ter sido diferente com a reforma do ensino médio. Empreendida por meio de uma forte influência e protagonismo empresarial e coadunada com os interesses do capital na sua fase de reestruturação produtiva (QUADROS; KRAWCZYK, 2024), a Reforma tem sido implementada de forma heterogênea, ao menos no estado de São Paulo.

A partir de uma etnografia ^[1] em duas escolas de periferias distintas no município de Campinas/SP, essa pesquisa de doutorado, ainda em curso, procura analisar como os jovens experenciam o projeto de formação para o capital, sobretudo a partir da Reforma e das gestões da SEDUC no estado. Neste trabalho será apresentado um recorte: o impacto da divisão do currículo relacionado aos saberes na formação desses jovens nas parcerias para formação profissional em SP e com os dispositivos de projeto de vida, protagonismo juvenil e competências socioemocionais intensificados com a Reforma.

Essa pesquisa articula alguns métodos de coleta de dados em duas esferas: (1) a esfera exógena (produção do projeto da formação da juventude de fora para dentro da escola): uma

análise documental da atuação das fundações empresariais na indução da Reforma e do Estado na sua implementação, e pesquisa de campo com na diretoria regional de ensino (DE); e (2) a esfera endógena (a formação dentro da escola): uma etnografia composta de observações de campo, conversas informais, entrevistas e grupos focais em duas escolas estaduais de periferias em Campinas/SP, com foco foi em um grupo de seis estudantes de cada escola.

A escola A atende em tempo regular alunos de itinerários gerais e técnico. A turma selecionada cursa o técnico em recursos humanos, ofertada por meio de parceria (terceirização) com Fundação Indaiatubana de Educação e Cultura (FIEC). A escola B oferece ensino médio geral pelo Programa de Ensino Integral – PEI (7 horas).

Considerações parciais

O processo de terceirização do itinerário profissional nas escolas regulares de SP intensifica a divisão do currículo, a qual se expressa desde uma desarticulação dos professores, resultante das formas desiguais de contratação, controle e gestão pedagógica, até na produção de sentido cindida por parte dos jovens em relação aos saberes trabalhados, mesmo quando abordados tanto itinerário técnico quanto na parte geral do currículo. Como apontam Moura, Filho e Silva (2015, p.1059), essa divisão é característica do modo de produção capitalista e sua consequente divisão social do trabalho, cujo metabolismo “requeira um sistema educacional classista e que, assim, separe trabalho intelectual e trabalho manual, trabalho simples e trabalho complexo, cultura geral e cultura técnica” de forma dialética, em razão das forças que estão em disputa.

Quanto aos dispositivos de projeto de vida, protagonismo juvenil e competências socioemocionais, há uma forte heterogeneidade na maneira como toma forma nas duas escolas estudadas. Na escola A, em função da carga horária que ocupa o técnico, essas noções e práticas educacionais não ganham o mesmo espaço no currículo, ao menos não são trabalhadas de forma explícita, embora perpassem de maneira subjetiva no currículo profissionalizante, por meio de práticas educacionais que seguem o modelo empresarial. Já na escola B, sobretudo por implementar a reforma a partir do projeto PEI, os alunos são inundados por estes dispositivos em diversas disciplinas do currículo. Diversos temas que são objetos das ciências sociais e da filosofia, como trabalho, felicidade, bem-viver, futuro pessoal, salário, etc. são abordados nas aulas de maneira rasa, muitas vezes reforçando o senso comum e visões de mundo de acordo com os preceitos dos professores e dos alunos. Por parte dos alunos, a (re)interpretação das noções varia muito de acordo com seus contextos e sua escolarização prévia. Da mesma forma como acontece na cisão entre o currículo técnico e geral na escola A, os alunos da escola B têm dificuldades de relacionar determinadas noções e ideias. São capazes de aprender muitos saberes que contribuem para uma percepção crítica da sociedade de classes e para um reconhecimento de sua posição social nas aulas de história, sociologia, filosofia, etc., mas, ao mesmo tempo, podem reproduzir determinados discursos

oriundos dos dispositivos mencionados, como também do senso comum e de outros aparatos de difusão de discursos liberais (mídia, arte hegemônica, etc.) que reforçam a ideologia da meritocracia e de uma visão individual sobre sucesso, trabalho, direitos, salário, etc.

A fragmentação dos conhecimentos tanto no currículo da turma do itinerário profissional quanto na escola B, onde os dispositivos citados são privilegiados – dispositivos dos quais podem ser compreendidos como manifestações fenomênicas da reestruturação produtiva do trabalho (ANTUNES, 2018) –, se manifestam de forma fetishizada, isto é, tal como a mercadoria, se apresentam “como uma comunicação fracassada em relação a sua própria origem e história e as relações sociais e o trabalho embutido que as produziu” (WILLIS, 2000, p.55, tradução livre).

Referências

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital São Paulo: Boitempo, 2018.

MOURA, D. H.; LIMA FILHO, D. L.; SILVA, M. R. Politecnia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira De Educação**, v. 20, n.63, pp. 1057–1080.

QUADROS, S. F. de; KRAWCZYK, N. . EDUCANDO A JUVENTUDE TRABALHADORA PELAS MÉTRICAS DO MERCADO. **Educação em Revista** , [S. l.], v. 40, n. 40, 2024.

WILLIS, P. **The Ethnographic Imagination**. Cambridge: Polity Press, 2000. 176p.

[1] Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Unicamp. Plataforma Brasil: CAAE 67049723.0.0000.8142